



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS PROF. DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LEILANE SANTOS TEIXEIRA

**JUVENTUDES E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
UMA ESCUTA DOS SUJEITOS JOVENS**

Arraias/ TO

2022

Leilane Santos Teixeira

**JUVENTUDES E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
uma escuta dos Sujeitos Jovens**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Arraias para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Elisabete da Silveira Ribeiro

Arraias/TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S237j Santos Teixeira, Leilane.
JUVENTUDES E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: uma escuta dos
Sujeitos Jovens. / Leilane Santos Teixeira. – Arraias, TO, 2022.
46 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2022.
Orientadora : Elisabete da Silveira Ribeiro
1. Juventudes. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3. A Educação no Brasil.
4. Educação Popular. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

Leilane Santos Teixeira

**Juventudes e Educação de Jovens e Adultos:
Uma escuta dos sujeitos.**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias, Curso de Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de graduação e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 06 /12 /2022

Banca Examinadora:

Elisabete Ribeiro

Profa. Dra. Elisabete Ribeiro, UFT Orientadora

Janaina Santana da Costa
Prof.ª Dr.ª Janaina Santana da Costa

Profa. Dra. Janaina Santana da Costa, UFT
Professora Avaliadora 1

Sullivan Ferreira de Souza

Prof. Dr. Sullivan Ferreira de Souza, UFPA
Professor Avaliador 2

Independente dos desafios, lembre-se que “[...] em todas estas coisas somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Romanos 8:37).

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me guiado durante todo o curso, sempre me dando inteligência e compreensão ao decorrer da escrita desta pesquisa, bem como de toda a trajetória, me capacitando para que eu tivesse um bom desempenho nos diversos componentes curriculares, por me sustentar nos dias mais obscuros que tive que enfrentar, além dos momentos de desânimo em que sua mão poderosa me susteve para que eu não viesse cair e até mesmo desistir, porque muitas foram as vezes em que pensei abandonar tudo. Mas, sua doce e real presença me impulsionou a continuar e a acreditar de que estava comigo, mesmo quando eu não conseguia enxergar sua forte mão, com isso, devo ao Senhor dono dos céus toda honra, glória e adoração.

Ao Meu pai que abaixo de Deus, tem me sustentado, se esforçado de tal maneira para que nada venha faltar, além de contribuir para minha permanência, tem meu respeito, admiração e reconhecimento.

A Minha mãe que embora não possa mais tê-la, pois já é falecida, foi a maior educadora, me ensinou os valores cristãos aos quais vou carregar até o fim dos meus dias, serei eternamente grata a Deus por ter me dado a honra de viver com ela até meus dezenove anos de vida.

Aos meus educadores, desde a educação infantil até a graduação que contribuíram significativamente para a minha aprendizagem, cada lição de vida contada, servia de tijolo para a minha construção acadêmica.

Aos meus colegas que de certa forma, me motivaram a estudar, quando eu via suas dificuldades, recebia ânimo para prosseguir ainda mais.

À minha orientadora, a qual não hesitou em me orientar, dei muito trabalho a ela, contudo sempre agiu eticamente, com paciência, respeito, compreensão, e sobretudo, amor. Sou grata pelas motivações, elogios, correções, tenho certeza de que fostes um verdadeiro instrumento de Deus na minha vida, pois desde o princípio, orava a Deus pedindo a ele que me apresentasse alguém que pudesse confiar e que me orientaria a desenvolver um bom trabalho e como sempre, fui surpreendida, porque ele nunca erra.

Externo meu imenso carinho e afirmo verdadeiramente que os amo e que os levarei em meu coração por onde for.

RESUMO

Este é um trabalho de conclusão de curso que traz um breve recorte acerca da educação no Brasil, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que embora tida como um instrumento para emancipação humana e que pode ser vista sob diferentes óticas, ainda enfrenta grandes desafios na sociedade brasileira. Contudo essas barreiras são enfrentadas com lutas, devido a compreensão de sua necessidade na promoção e garantia de uma educação formal, neste caso, voltada as classes de jovens desfavorecidos no âmbito social. Acredita-se que sem a EJA, o sujeito não alcançaria esse patamar de escolarização, entende-se ainda que a educação é caminho para transformação dentro de uma determinada sociedade, promovendo capacitação de diferentes formas para o sujeito. Por conseguinte, aborda o conceito de juventudes, com a compreensão de que são múltiplas, já que são oriundas das diversas gerações existentes, etnias, classes. Desta forma, ao se tratar de um estudo de caso com narrativas autobiográficas, buscou-se ouvir uma professora da EJA para conhecer o perfil dos alunos, bem como dois sujeitos jovens que cursam a modalidade de ensino e quatro que passaram por esta experiência e que atualmente cursam o Ensino Superior na cidade de Arraias-TO, com a finalidade de compreender os motivos pelos quais se ausentaram do ensino regular, e ainda, suas motivações para retornarem na EJA. Após a análise das falas dos sujeitos que narraram suas histórias de vida, percebeu-se que os motivos do afastamento foram diferentes desafios enfrentados, entre eles, as discriminações, preconceitos, deficiências, problemas psicológicos, muitas vezes, desenvolvidos durante a educação básica. Mas que não se constituíam em desinteresse por “preguiça”, como é comumente propagado. O trabalho busca mostrar, ainda, a resistência desses estudantes e a educação como perspectiva de vida. Assim, a Educação de Jovens e Adultos não é apenas a oportunidade é também uma percepção do direito à educação pelo qual vale a pena lutar.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos; Direito Constitucional; Juventudes.

RESUMEN

Este es un trabajo de finalización de curso que trae un breve recorte de la educación em Brasil, la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), que, aunque vista como un instrumento para la emancipación humana y que puede ser vista desde diferentes perspectivas, todavía enfrenta desafíos importantes en sociedad brasileña Sin embargo, estas bareras se enfrentan con luchas, por la comprensión de su ascesidad en la promeción y garantía de una educación formal, en este caso, dirigida a las clases jóvenes desfavorecidas en el ámbito social. Se cree que sin la EJA, el suieta no Ulegaría a este guxel de escolaridad, también se entiende que la educación es un camine de transformación dentro de una determinada sociedad. promeviendo la formación del suieto, Por le tanto, aborda el concepto de juventudes, en el entendido de que son múltiples ya que provienen de diferentes generaciones. etnias, clases existentes. De esta forma, al tratarse de un estudia de caso con parraciones autobiográficas, se jotentá escuchar a un docente de la EJA para conocer el perfil de los estudiantes. así como a dos suietos jóvenes que cursan la modalidad de enseñanza y cuatro que pasaron por esta experiencia, y que cursas actualmente la Enseñanza Superior en la ciudad de Ataias-IQ. con el fin de comprender las razones por las que se ausentaron de la enseñanza regular, así como sus motivaciones para volver a la EJA. Después de analizar los discursos de les suietos que parraron sus historias de vida, se percibió que los motivos de salida fueros diferentes desafíos enfrentados, entre ellos. discriminación. preivicior carencias, problemas psicológicos, muchas veces desarrollados durante la educación básica. Pero esa no constituía desinterés por "pereza", como comúnmente se propaga. El trabajo también busca mostrar la resistencia de estos estudiantes y la educación como perspectiva de vida. Así, la Educación de Jóvenes y Adultos no es sólo una grostunidad, es también una percepción del derecho a la educación por la que vale la pena luchar.

Palabras clave: Educación de Jóvenes y Adultos; Derecho Constitucional; Juventudes.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Apresentação da Educadora.....	30
Quadro 2 - Apresentação dos Sujeitos Jovens.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENCCEJA	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GO	Goiás
LDB	Lei de Diretrizes e Base de Educação Nacional
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
TO	Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 A EDUCAÇÃO NO BRASIL	13
2.2 EDUCAÇÃO POPULAR.....	18
2.3 JUVENTUDES.....	19
2.4 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	23
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	27
3.1 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS.....	28
4 PRODUÇÃO DE DADOS.....	30
5 (IN) CONCLUSÃO.....	43
6 REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida na sociedade de Arraias, uma pequena cidade no interior do Tocantins com sujeitos jovens da EJA. Este estudo tem ciência de que ainda é bem presente o fato de que muitos não conseguem concluir a Educação básica regular, devido a desigualdade social e econômica presente na sociedade arraiana encontrados ao longo de suas vidas. Um dos motivos frequentes é a necessidade de trabalhar, cuidar de casa, no caso de mulheres jovens, que se relacionam e engravidam ainda na adolescência e se veem forçadas a cuidar também dos filhos.

Desta forma, outros desafios também são percebidos, entre eles citamos a deficiência e problemas psicológicos, que, sem a oferta dos instrumentos necessários, podem causar baixo rendimento escolar e até mesmo evasão. E, em outros casos, não possuem mesmo o acesso à escolarização. Assim, muitos são os fatores que contribuíram para que sujeitos ainda jovens se ausentassem do ensino básico regular. Buscou-se ouvir as narrativas autobiográficas desses sujeitos acerca de suas trajetórias de vida, tentando tirar-lhes da invisibilidade e fazer ecoar suas vozes pouco ouvidas.

Questiona-se diante desta realidade, o que leva homens e mulheres retornarem e/ou frequentarem à escola na modalidade EJA? Quais as suas motivações para isto?

Assim, a pesquisa tem o intuito de contar e refletir sobre a dificuldade presente na vida dos sujeitos que não tiveram oportunidade de frequentar instituições de ensino, bem como de apresentar um pouco de quem são estes jovens estudantes na EJA. Esta pesquisa, de cunho qualitativo, foi produzida por meio de entrevistas, realizadas com seis jovens, sendo quatro universitários que experimentaram esta modalidade e dois outros sujeitos que estão matriculados estudando na EJA, bem como uma das professoras que lecionam na mesma modalidade de ensino na cidade de Arraias- TO da Escola Estadual Silva Dourado.

Este trabalho está dividido do seguinte modo: Introdução, seguida da Fundamentação Teórica dividida em: a Educação no Brasil, Educação Popular, Juventudes, Educação de Jovens e Adultos, Metodologia, Narrativas autobiográficas, Produção de dados, (In) conclusão e Referências. Esperamos que goste da leitura.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Falar da educação brasileira é um assunto muito amplo que não temos como dar conta em um trabalho de conclusão de curso, assim faremos a seguir, um breve recorte. Infere-se que há significados para educação. Ao se falar de educação é natural pensar em escolas, livros, professores, alunos e não é errado, porém, mesmo interligada a estes, ela não se prende somente aos mesmos.

Portanto, Educação é um instrumento utilizado não apenas dentro de escolas, mas em diversos outros ambientes em que se encontram seres humanos, que por meio desta se desenvolvem de diversas maneiras e se tornam capazes o suficiente para desenvolverem suas diversas habilidades, entre elas o trabalho, pelo qual é seu modo de sobrevivência.

Desta forma, há diversos autores que abordam este assunto, entre eles destaca-se Durkheim (2001) que associou a educação a um processo de socialização em que as diversas gerações adquirem valores que são transmitidos a outras devido este contato mútuo. Assim sendo, a educação é desenvolvida também por meio da interação social.

Educar trata-se de uma ação que se produz ligada a um determinado público, ou seja, por exemplo, a ação dos adultos com os mais jovens, a fim de que este esteja apto a atuar na sociedade. Desta forma, a educação cria nos sujeitos diversos fatores em seus estados físicos, mentais e morais conforme o meio em que se encontra adaptado. Durkheim (2013)

A educação surge como uma ferramenta para moldar o ser humano, em consonância, (LIBÂNEO, 1994, p. 16-17) afirma que “a educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária a existência e funcionamento de toda a sociedade”, ou seja, por meio da educação o homem constrói aquilo que é bom para ele e o meio no qual se encontra, à medida que desconstrói aquilo que não causará benefícios tanto para si próprio quanto para o todo em sua volta, em outras palavras pode-se dizer que a educação traz racionalidade humana em suas ações, já que se o homem não adquire valores necessários, não consegue se adaptar ao meio. Biesdorf, (2011)

Como supracitado, há dentro de uma mesma sociedade, diversas educações, sendo a informal tida para (BIESDORF, 2011, p.2) como “herança cultural” desenvolvida em qualquer sociedade com um mesmo intuito, formar um cidadão, com bom caráter para viver

harmonicamente em sociedade com demais sujeitos. Como a própria autora diz, esta herança educacional são valores passados dos mais velhos aos mais novos, ao longo dos anos com a finalidade de não perder a essência de certo povo ou cultura afirmando ser “a família a principal instituição responsável pela educação informal” (BIESDORF, 2011, p.3).

Há também a educação formal que diferentemente da informal, se realiza em espaços ou instituições adaptadas com a finalidade de promover conhecimentos comprovados cientificamente, não desvalorizando aqueles obtidos na cultura familiar, os apreendidos em instituições de ensino possuem cientificidade, uma vez que foram comprovados por pesquisadores que servem de acréscimo aos conhecimentos adquiridos no que antecede o escolar Siqueira, (2004) e ainda para (BIESDORF,2011, p.3) “a escola tem função de oferecer uma formação pela qual o educando torna-se capaz de fazer análises científicas, críticas e reflexivas a respeito dos temas”. No mesmo sentido, (GANDIN, 1995, p.96) afirma que “a ciência é o meio indispensável para compreender a realidade”

Diante destas afirmações vê-se que a escola é o lugar ideal para promover e adquirir conhecimento, capaz de preparar o sujeito para agir na sociedade a qual se encontra, cumprindo regras que são impostas e promovendo mudanças construtivas para o bom desenvolvimento dela. Vale ressaltar que tudo aquilo que é trabalhado no âmbito escolar, se dá de maneira intencional visando um determinado resultado. Neste mesmo contexto implica-se o trabalho docente Libânio (1994), sendo o educador, peça fundamental e indispensável da educação do sujeito.

No Brasil, todo sujeito sem exceção é portador não só de deveres, mas também de direitos humanos os quais o direcionam enquanto um cidadão de boa conduta diante de uma determinada sociedade, permitindo-lhe o arbítrio de atuar como protagonista da sua própria vida, bem como intervir socialmente para contribuir com o desenvolvimento e organização dela de modo que promova o bem a todos mesmo que não receba benefícios.

Dentro da educação brasileira há diversas modalidades de ensino amparadas por leis que garantem ao sujeito a oportunidade de frequentar livremente instituições de ensino que se dão em diversos níveis, desde a educação infantil ao ensino superior. Não seria necessário, leis acerca dos direitos humanos se o sujeito por si só praticasse a ética e o respeito para com o seu próximo, se o enxergasse a maneira que se vê desejando o bem para este como a si próprio. Contudo, mesmo havendo leis para que estes direitos sejam levados à prática, há aqueles que ainda insistem em promover rebeldia e violação. Contudo, salienta-se especificamente o direito à educação, conforme a Constituição Federal de 1988, art. 205 diz que

a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Mesmo a educação tendo se tornado um direito de todos, vem enfrentando grandes dificuldades na nação brasileira, pois há ainda muitas pessoas que são consideradas analfabetas por não terem acesso à escolarização devido a desigualdade social que vem permeando a séculos. Vale destacar que isto se dá por meio do baixo investimento nas escolas de ensino básico, os governos têm sucateado a educação de tal modo que têm mantido um grande índice de analfabetismo na classe mais baixa da população.

A educação brasileira já passou por várias formas de se educar um sujeito, entre eles o modelo tradicional, que defende o fato de o professor possuir todo o conhecimento e o aluno ser apenas uma folha em branco que precisa adotar tudo aquilo que foi lhe dado.

Mas ao olhar para a nação brasileira e observar, ver-se-á diferentes tipos de culturas que têm colaborado para com a formação social das pessoas, sendo assim, compreende-se que estas não chegam à escola totalmente leigas, mas sim com um conhecimento prévio pois, “o campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola.” (LIBÂNEO, 2001, p. 6).

Este conhecimento tem servido para guiar suas vidas e de seus filhos, porém, não é o bastante para uma relação social mais profunda, pois devido às exigências sociais é necessário que tenhamos um aprofundamento intelectual que se dá por meio da educação formal, adquirida em instituições de ensino. Conforme o art. 26º da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.

A partir desta, o indivíduo pode ser reconhecido legalmente como um integrante social, pois infelizmente sabemos que não é a realidade de muitos, uma vez que tem permeado uma grande exclusão social, facilitando adversidades para que a alfabetização não ocorra.

[...] o aprendizado escolar vai introduzir elementos novos no seu desenvolvimento. A aprendizagem é um processo contínuo e a educação é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de aprendizagem a outro, daí a importância das relações sociais. (COELHO; PISONI, 2012, p.148)

Com base nesta afirmação, compreende-se a importância de insistir com a educação, mesmo sendo um processo demorado, pois esta permitirá uma ampla visão de mundo, abrindo caminhos para novos conhecimentos, permitindo que os sujeitos se tornem seres críticos e pensantes, com um olhar mais detalhado e decisivo acerca daquilo que buscam para si mesmos, sem contar a quebra das frustrações de outrora, que muitos rasgavam seus cadernos acreditando que não conseguiriam vencer suas inúmeras dificuldades.

Assim, não se pode falar de educação sem mencionar o ato da leitura e da escrita, por isso, é importante afirmar que há diversas formas de se aprender a ler e que trazem inúmeras vantagens. O ato da leitura e da escrita leva o homem a novos ambientes, novos pensamentos, destrói a ignorância e o faz chegar a sua própria emancipação, e mais ainda, pode ajudar um outro alguém a se emancipar.

Contudo, se vê com frequência uma certa negligência quanto a leitura seja por falta de interesse ao tema relacionado ou mesmo “preguiça”, os sujeitos não têm sentido prazer apenas lendo por alto. (MARTINS, 2003, p. 09).

Não acrescentamos ao ato de ler, mas de nós além do gesto mecânico de decifrar os sinais. Sobretudo se esses sinais não se ligam de imediato a uma experiência, uma fantasia, uma necessidade nossa. Reagimos assim ao que não nos interessa no momento.

Há diversas formas de leituras, seja ela de gestos, livros, olhares, sendo assim, é lícito afirmar que uma pessoa não alfabetizada, sabe sim, ler. Porque, a leitura em si, não é só decifrar códigos, mas compreender aquilo que está nas entrelinhas dos textos, por trás das ações do comportamento, é buscar compreender aquilo que se vê, de uma forma mais profunda, por meio disto, entende-se que só há leitura quando que se há compreensão e desta forma, se houve compreensão, houve uma leitura.

assim, a autora (MARTINS, 2003, p. 14-15), afirma que “aprendemos a ler, vivendo” e que, “certamente, aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para poder ir além dele”. Por conseguinte, é importante ressaltar que, uma pessoa, mesmo sendo analfabeta, é capaz de ler, pois possui experiências adquiridas ao longo de sua vida.

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais no habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. Esse seria, digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. (MARTINS, 2003, p. 17).

Dentro deste mesmo contexto, está imbricada a prática docente, no sentido de trabalhar com o sujeito atividades que lhe tragam sentido. Como Libânio afirma, a prática docente deve ser intencional, ou seja, a partir da realidade do aluno, o professor deve desenvolver métodos pelos quais o aluno encontrará significância durante sua trajetória escolar. Não basta apenas levar para a sala de aula conteúdos isolados de contextos distantes que ele não tenha noção básica.

Cabe dizer que esta prática deve partir desde a educação infantil, pois é durante a infância que o sujeito pode ou não criar gosto pela escolarização. Acredita-se que quanto mais cedo melhor para o sujeito ter esse contato. Para além de componentes curriculares significativos, outro fator de suma importância é como o sujeito é tratado, isso poderá desencadear uma série de reações que podem ser maravilhosas, desagradáveis ou frustrantes em relação ao comportamento do profissional.

Todavia, existem diversas modalidades em que ocorre a educação no Brasil, a saber: a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, o Ensino Médio, a Educação de Jovens e Adultos (que será abordada com mais detalhe em um tópico a seguir), a Educação do Campo, o Ensino Técnico, o Ensino Tecnológico, Ensino Superior, pós-graduação, nos níveis de Especialização, Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado conforme a LDB 9394/96.

Portanto, estas possuem obrigatoriedade além da Educação Infantil, os ensinos Fundamental e Médio. Contudo, para o pleno desenvolvimento destas etapas na vida do sujeito cabe à responsabilidade da família e do Estado, com auxílio da sociedade, conforme o art. 205 da constituição de 1988 explicita. Assim não é tão simples ou quase impossível pensar a educação sem o apoio familiar, social e estatal para o sujeito.

Porém no Brasil, a educação sempre foi marcada por saltos qualitativos e retrocessos ao longo da história. Salientando-se especificamente na cidade de Arraias, que é um município marcado pela escravização de pessoas pobres e negras, alvos de discriminação, preconceito racial e social, que até hoje sofrem estes reflexos com muita intensidade. Vê-se uma infinidade de casos de pessoas jovens que não cursaram a educação básica em tempo regular por diversos fatores, desde condições físicas, psicológicas, discriminação e até mesmo machismo.

2.2 EDUCAÇÃO POPULAR

Esta se originou no século XX, época em que aconteciam grandes transformações no país, entre elas, encontrava-se a busca por uma educação única para todos, se tratando de uma educação voltada diretamente para as classes populares da sociedade com a finalidade de ingressar à escolarização aqueles que possuíam menos condições financeiras.

Outrossim, é necessário salientar que se trata as classes populares neste contexto, não como um objeto inferior ou menos humano, mas sim com autonomia, que é o princípio básico da Educação Popular. São sujeitos que estiveram e estão na luta em prol de mudanças de vida, visando ocupar espaços sociais afirmados na LDB (Lei de Diretrizes de Bases).

Paulo Freire torna-se influente neste contexto, apontando em seus trabalhos, métodos e caminhos para o professor seguir com o objetivo e a finalidade de alfabetizar de maneira pensante e crítica, o aluno, para o autor não basta apenas aprender a técnica da escrita ou da leitura, contudo, o participante da sociedade deve se posicionar, ter autonomia e criticidade diante da realidade existente.

Em consonância, (LIBÂNEO, 2001, p.7), defende que a:

Educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano. A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal.

Mediante esta afirmação, infere-se que a educação possui um alto poder de transformação na vida do sujeito, sendo possível notar uma enorme diferença deste antes e depois da mesma. Sua forma de analisar os acontecimentos ao seu redor são outros, sua maneira de ouvir o outro acaba sendo transformada, pois acaba tornando-se um sujeito mais humano, ou seja, suas relações pessoais são influenciadas positivamente por meio de uma verdadeira educação.

Para Freire (2011, p.34) “a educação é possível para o homem porque este é inacabado [...]”. A todo instante o sujeito é capaz de aprender algo novo ou desconstruir algo apreendido, significa dizer que está em constante transformação, o que era ontem, não é mais hoje e o que

hoje não será mais válido amanhã. É bem comum se ouvir que a pessoa mudou (no sentido de comportamento ou até mesmo aparência física), que possui gostos diferentes, frequenta lugares diferentes dos de antes. Isso ocorre devido às relações existenciais com pessoas à sua volta e as influências externas, que causam impactos e mudanças em sua vida. O mesmo ocorre na educação pois, sempre há algo novo a se aprender.

Desta forma, compreende-se que o sujeito é um ser inacabado e embora, mesmo sem ter conhecimento acerca de determinado assunto pela sua ausência de escolarização, possui determinado saber, ou seja, não é porque o sujeito não estudou e ainda que este tenha iniciado a escolarização e não a concluído que se encontra completamente leigo acerca de tudo a sua volta (FREIRE, 2011)

Para Osinski, (2002, p.7) “é o homem com sua conduta, seus comportamentos e atos, quem faz a história, a arte e transmite seus conhecimentos por meio do ensino, formal e informal, perfazendo o caminho de um processo evolutivo e progressivo denominado educação.” Pelo fato da educação está ligada ao homem diretamente, há saberes adquiridos não apenas de cunho científico, saberes de experiência feita ao longo da vida, que são transmitidos aos outros, o que ocorre principalmente dos mais velhos aos mais jovens.

2.3 JUVENTUDES

O conceito de juventude, é a fase da vida após a infância, estendendo-se até o início da vida adulta. Embora se compreenda que a juventude é uma etapa sem início e fim fixamente determinado. No Brasil, o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), indica essa fase como sendo entre os 15 e 29 anos de idade, entretanto, (DAYRELL, 2003, p.42) afirma que

é possível marcar um início da juventude, quando fisicamente se adquire a capacidade de procriar, quando a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, quando começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de autossuficiência, dentre outros sinais corporais e psicológicos.

Nessa fase da vida há uma propensão a transformações sociais e os jovens podem, se possibilitados, ser agentes de transformação da sociedade (RIBEIRO, 2022). Da mesma sorte, (DAYRELL, 2003, p.42) concorda que os sujeitos “constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de

ser jovem nas camadas populares.” Assim, é importante destacar que as juventudes não são unas, desse modo, tratamos aqui de juventudes, no plural, já que existe uma grande gama de possibilidades de construção social para as pessoas nesse tempo de vida.

Alguns autores pautam a juventude desde o conceito de moratória social, criado por Erikson que trata de uma fase de permissividade imatura, em que os jovens teriam um tempo de experimentação, por estarem certos daquilo que querem para suas vidas. Contudo não se pode generalizar, pois existem diversos fatores de cunho emocional e socioambiental que podem influenciar diretamente em suas escolhas.

As juventudes sempre são julgadas pelos adultos, que são os que regem as normas da sociedade. É nessa fase que o ser humano começa a fazer questionamentos acerca dessas regras impostas, permitindo influenciar-se pelo espaço, círculo de amigos, grupos sociais juvenis em que se encontra. Feixa (2021) Conforme (DAYRELL, 2003, p.43), o jovem

ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. [...] é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade.

A sociedade prega, por exemplo, que um jovem que sofre boas influências se tornará conseqüentemente um jovem com boas atitudes, já aquele que foi participante de um ambiente considerado não tão bom, terá atitudes e/ou comportamentos reprováveis. Contudo, esta afirmação é um tanto precipitada, já que os jovens são influenciados tanto pelo local quanto pelo global, são assim forjados na cultura, bem como são promotores de cultura.

Desse modo, não dá para prever o que uma pessoa será em sua juventude, por nascer em uma determinada localidade. O condicionante nem sempre é determinante. Ademais, suas escolhas os levam a outros caminhos que podem ser distintos daqueles que naturalmente se esperava. (FEIXA, 2021, p.21)

Todo jovem é composto por características biológicas que vêm desde a gestação. Todavia, vai adquirindo tantas outras que lhe são mais definidoras, no contexto social em que vive. Estas, portanto, vão lhe produzindo como sujeito único, mas também um ser social capaz de viver em conjunto com outros seres. É exatamente neste meio que o participante agrega informações e compartilha das mesmas que são responsáveis para o tornar quem de fato é e, ao mesmo tempo em que absorve o conhecimento, é capaz de compartilhá-lo com mais alguém à sua volta. (FEIXA, 2021, p.21)

Sendo assim, infere-se que o sujeito jovem vai aos poucos criando valores próprios, que se forjam a partir do que foi adquirido com as gerações anteriores, que são validados por ele e outros que são desprezados, pois já não servem às suas vivências. Criando valores e renovando assim a sociedade. Esta situação muitas vezes causa conflitos geracionais.

Para Ribeiro (2022) a sociedade impôs um padrão para aqueles que são considerados jovens, sendo que eles deverão se enquadrar às exigências, caso contrário será sujeito passível de exclusão. Neste contexto, vê-se o descrédito da sociedade para com o jovem, privando-o de exercer sua voz e sua ação diante da sociedade; sendo julgados como imaturos, irresponsáveis e até com falta de interesse.

Esta ação pode ser responsável por desencadear insegurança a este grupo e assim, os participantes dele acabam cedendo aos próprios pensamentos de que são inúteis para determinada sociedade, ou mesmo a família em que vivem, visto que a “a adolescência é uma fase de explosão (hormônios, neurônios, criatividade) e de implosão (autocontrole, reflexibilidade, melancolia).” (FEIXA, 2010, p.22)

Por conseguinte, (MANNHEIM, 1993, p.147) afirma que “jovens que compartilham os mesmos problemas históricos são pertencentes a uma mesma geração”, para isto, precisa-se compreender o verdadeiro conceito de juventudes para que partindo do mesmo, saiba-se como lidar com este público, a fim de que este encontre sentido na vida e naquilo que vê e faz, pois muitos destes vêm de uma realidade mais difícil. Os jovens não têm sua palavra acolhida, não se sentem ouvidos e valorizados frente a uma sociedade que em boa parte, preconceituosa e excludente.

Como supracitado e em consonância com Mannheim (1993), os sujeitos jovens que convivem em uma mesma sociedade, podem desenvolver pensamentos e formar opiniões distintas de jovens participantes de outras gerações. Por conseguinte, dentro de uma mesma sociedade convivem diversas gerações ao longo do tempo, carregadas de valores e culturas, algumas absorvidas e outras não pelas novas gerações. Portanto, essa reprodução irá depender daquilo que a geração atual considera de relevante para a contemporaneidade.

Feixa (2000) em seus estudos geracionais, faz uma analogia entre as gerações utilizando metáforas de modelos de relógios, que representam as diversas gerações juvenis que convivem na sociedade, com o intuito de auxiliar na compreensão mais clara acerca do assunto. Para o antropólogo, na sociedade pré-moderna, os jovens buscavam reproduzir os hábitos culturais de seus progenitores quando estes possuíam a mesma idade que aqueles.

Certamente acreditava-se que este era o melhor caminho para se seguir, uma vez que foi aprendido pelos familiares mais velhos, que possuíam diversas experiências, podendo

reproduzi-las como forma de permanência da sociedade tal qual se apresentava. Essa situação constitui as “juventudes campesinas, tribais ou estatais, representado pelo relógio de areia”, conforme (FEIXA 2000 apud RIBEIRO, 2021, p.12).

Em seguida, por volta da metade do século XX o que se entende como período moderno, marcado pela expansão de diversas indústrias, as gerações buscam sua independência, desenvolvendo seus próprios estilos de vida, não mais sofrendo influências dos antepassados que eram tidos como exemplos fundamentais a serem seguidos. Neste período, os jovens passam a ser vistos como integrantes sociais e ocupam lugares outrora inimagináveis, o que Feixa (2000) em sua metáfora designa como “relógio analógico”.

Além disso, Feixa (2000) afirma ter mais de um estilo de geração convivendo na sociedade, apresenta assim o modelo de relógio, o “digital”. Este evidencia-se durante a pós-modernidade e se contrapõe ao de areia, se antes os pais ensinavam, neste, são ensinados pelos filhos e por outro lado, marca-se como os acontecimentos se dão no tempo, de maneira veloz em que as diferentes gerações estão interligadas pelo fato de compartilharem das mesmas experiências digitais e reais.

O autor ainda afirma que mesmo com a presença da era digital e a mesma, surtindo efeito global, não são todos os jovens que possuem acesso às diversas tecnologias para se manterem informados e comunicarem-se. Esta situação causa uma grande exclusão social de quem não têm acesso aos meios comunicativos, o que para Margulis (2004) acarreta grandes conflitos sociais atuais. Assim, nota-se quão intrínseca é a relação entre juventudes e questões socioeconômicas, portanto há uma diferença colossal entre as gerações que detêm capital e as que apesar de acessar por meios publicitários não o possuem.

Quanto ao jovem como sujeito social, este conceito tende a reconhecer a importância de se ouvir, entender e considerar as vozes juvenis no mundo público: na escola, no trabalho e na política, inclusive na formulação das políticas públicas para a juventude. (GROPPO, 2017, p.12)

No Brasil, é bem clássica e visível a alta valorização de inovações, principalmente as tecnológicas, porém estas não são acessíveis a todos, principalmente aos mais pobres, que é também em sua maioria de pessoas negras, que são marginalizados, não são ouvidos, assim estes vão criando suas próprias culturas juvenis dentro dos espaços em que estes jovens têm encontrado aval para desenvolver suas diversas habilidades. Cabe ressaltar que o capital financeiro, destinado ao mundo cultural não chegam às populações juvenis mais empobrecidas nesta nação.

Porquanto, vê-se a quão gigantesca necessidade de fortalecer e validar na íntegra as políticas públicas voltadas diretamente a este público para que alcancem seus direitos e vivam uma vida digna em todos os âmbitos, dentre eles, o social. (DAYRELL,2003) ademais, o campo educacional deve ser cada vez mais fortalecido com projetos e inovações que incluam estes sujeitos jovens, que encontram-se oprimidos pelo medo e as frustrações que lhes tiraram da escola regular e que a partir da EJA, sonham com um futuro melhor.

2.4 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino, potencializada na década de 1980, recebendo esta classificação com base em seu público-alvo jovens e adultos, que de acordo com a Lei 9.394/1996, art.37, tem a função de atender aqueles que não foram escolarizados no tempo regular, mas que desejam regressar ou dar início aos estudos, sejam eles do ensino fundamental ou médio. A Educação de Jovens e Adultos

Compreende um conjunto amplo e diverso de processos de formação relacionados ao desenvolvimento da personalidade, à reorientação de valores e comportamentos, à aquisição e ampliação ao longo da vida de conhecimentos básicos, qualificações profissionais ou habilidades socioculturais, visando satisfazer as necessidades de aprendizagem dos indivíduos considerados jovens e adultos pela sociedade a que pertencem (PIERRO, 2010, p. 1)

A Constituição Federal de 1988, em seu art. 208 afirma que é dever do Estado garantir a educação no ensino fundamental e médio de forma gratuita para todos, mesmo os que não estudaram em tempo regular, da mesma forma assegura assistência em diversas áreas ao estudante, durante toda a educação básica (saúde, alimentação, transporte, materiais didáticos).

Este formato de educação pode ser desenvolvido em diversos ambientes, desde instituições de ensino a ambientes externos, sejam eles familiares, socioculturais, em locais de trabalho e até mesmo por meio de veículos de informação e comunicação. Porém, embora existam diversos veículos para a propagação da educação de jovens e adultos, na prática não é tão simples. A maioria deste público não possui condições de acesso a estas diversas esferas.

E mesmo a EJA sendo vista como um ensino “compensatório”, com a prioridade de alfabetizar ou preencher lacuna educacional de jovens e adultos que tiveram seu processo de escolarização prejudicado por algum fator. Não se descarta a necessidade e a urgência de inserir

participantes nesta modalidade de ensino. Para isso, vê-se que existe um olhar mais apurado acerca do tema, envolvendo

[...] múltiplos fatores, como a velocidade das mudanças tecnológicas e culturais, as transformações nos processos produtivos e nos mercados de trabalho, o reposicionamento das mulheres nas esferas pública e privada, o envelhecimento da população e a intensificação das migrações, dentre outros. (PIERRO, 2010, p. 1)

Visto que bem como a vida, a educação é um direito do participante da sociedade brasileira, ser educado nesta modalidade, torna-se um ato inegociável, a partir do momento em que o mesmo deseja frequentar a escolarização, independente de qual seja o motivo pelo qual se inseriu, embora sejam muitas as dificuldades enfrentadas pelo estudante da EJA, com destaque à discriminação, pois são vistos como “os repetentes, evadidos, defasados, aceleráveis, deixando de fora dimensões da condição humana desses sujeitos, básicas para o processo educacional.” Arroyo (2001)

A EJA possui um legado que segundo Arroyo (2008), não deve ser suprimido e frente às necessidades educacionais ao longo do tempo, torna-se mais necessário sua lembrança principalmente ao se tratar de políticas e projetos desenvolvidos para o ensino de jovens e adultos. Equitativamente, as motivações que levaram à criação da EJA são as mesmas da sociedade contemporânea que é carregada de “exclusão, miséria, desemprego, luta pela terra, pelo teto, pelo trabalho, pela vida.” (ARROYO, 2008, p. 223)

A educação de jovens e adultos pode ser tida como sinônimo de luta. Cabe ressaltar que não são quaisquer jovens, mas grupos específicos que sofrem discriminação devido cor, raça e principalmente questões sociais e financeiras, sendo postos à margem. Portanto, este grupo vêm sendo alvo de exclusão, dentre outros adjetivos em que os sujeitos são tidos como fracassados, restando-lhes apenas lugares oprimidos. Arroyo (2001).

Embora a EJA seja um espaço de direito, assegurado por diversas leis criadas que visam o desenvolvimento dos participantes. Os desafios da EJA ainda são muitos e precisam ser enfrentados. O primeiro desafio, diz respeito a compreensão de quem são os sujeitos, de onde vêm e quem a escola pretende formar, levando em consideração o que desejam para si. A EJA como modalidade de ensino deve ir além da leitura e escrita, buscando desenvolver meios pelos quais o sujeito se apossa de seu lugar na sociedade, que não vem sendo ocupado mesmo sendo seu direito. Com isso,

Frente ao quadro de desigualdade social brasileira, a educação ocupa posição estratégica na formação emancipatória, faz-se necessário que os processos educativos da EJA estejam focados na diversidade dos sujeitos visto que, de acordo com a legislação brasileira, a EJA representa hoje uma nova possibilidade de acesso ao direito de educação. (TEIXEIRA & SANTOS, 2018, p.140)

Entretanto para que A EJA exerça seu papel, precisa compreender quem são seus estudantes, via de regra excluídos frente a sociedade, precisa atentar ainda em quais projetos devam ser realizados com este público, o qual comporta uma vasta diversidade, a fim de suprir as carências educacionais dos estudantes. Ademais, deve abarcar “em linhas gerais, processos formativos de natureza diversa, cuja efetivação se dá a partir da interação de uma variedade de atores, envolvendo, de um lado, o Estado, as organizações da sociedade civil e o setor privado” (ANDRADE, 2004, p.1) sendo impossível prosseguir com esta modalidade desconsiderando estes elementos importantíssimos.

As mantenedoras dessa modalidade, para além de considerarem quem são os sujeitos que possuem direito a EJA, devem portanto, pensar a respeito da instituição, uma vez que é necessário que esta os valorize como merecem, buscando uma educação realmente inclusiva e ligada a vida cotidiana e não apenas em componentes curriculares isolados, trazendo sentido e motivação a este público, com a intenção de valorizá-los socialmente, como pessoas aptas para contribuir em diversos âmbitos, visto que há um enorme caso de discriminação social que é também racial, haja vista que o grande público da EJA é negro e pardo. Andrade (2004)

Para tanto, há três fatores existentes que descrevem o desenvolvimento da EJA no Brasil, destacando-se segundo (BÁRBARA, 2005, p.121): “a falta de uma política pública permanente, a prevalência de uma visão assistencialista e a insuficiência de teorias sobre o processo de aprendizado dos adultos.” São estas as razões pelas quais a EJA no Brasil já sofreu e sofre, contemporaneamente, diversos retrocessos, deixando este público à mercê do descaso.

Mesmo que tenha tido avanços ao longo da história, sem contar o uso inadequado de verbas destinadas à educação, que deveriam ser destinados à construção de ambientes estruturados, voltados aos jovens e adultos e não apenas construindo escolas de crianças, visto que há muitas peculiaridades que diferenciam uma modalidade da outra.

As mais diversas experiências vivenciadas pelos jovens e adultos que não frequentaram a escola durante a infância, ou desistiram em algum momento por diversas razões, os faz enxergar o ambiente educacional de forma diferente do que quando eram crianças. Ademais, não é porque não frequentaram a escola que esta não signifique algo de suma importância para os mesmos. Para estes,

a educação passou a ser condição necessária para garantir o emprego, mas não suficiente, porque essa relação não está claramente definida. Entretanto, em razão da crescente competitividade no mundo do trabalho, muitos se sentem pressionados a correr atrás da ‘qualificação’, independentemente do quanto tenham estudado, impelidos pelo sentimento de que seria a garantia de permanência no emprego ou de acesso a ele. (BÁRBARA, 2005, p.122)

Desta forma, a escolarização torna-se o princípio para uma vida social, digna e inclusiva em sociedade, que só aumenta suas exigências ao longo do tempo. Portanto, “a escola é o lugar onde os que não sabem vão aprender com quem sabe (o professor) os conhecimentos necessários para ter um trabalho melhor (menos pesado, mais bem pago) e um lugar social mais valorizado.” (CARLOS & BARRETO, 2005, p.63)

Conforme (OLIVEIRA, 2007, p.86), tornam-se mais que necessárias reflexões que acerca da EJA, uma vez que os participantes desta modalidade são alvos de

[...] propostas e práticas inadequadas tanto aos seus perfis socioeconômico-culturais quanto às suas possibilidades e necessidades reais. Isto porque a tendência predominante das propostas curriculares é a da fragmentação do conhecimento, e a da organização do currículo numa perspectiva cientificista, excessivamente tecnicista e disciplinarista, que dificulta o estabelecimento de diálogos entre as experiências vividas, os saberes anteriormente tecidos pelos educandos e os conteúdos escolares.

Frente esta afirmação infere-se que o ensino aplicado aos jovens e adultos não deve ser trabalhado de forma mecânica e repressora, remetendo o sujeito a um distanciamento da realidade existencial. Para além de se promover um ensino apropriado a esta modalidade, é mais que necessário o aluno sentir-se incluído ao ambiente, sentir-se familiarizado, o que o possibilitará uma maior compreensão e produção de saberes, visto que o mesmo entenderá o real significado de estar ali. (OLIVEIRA, 2007, p.87) acredita “que dizer algo a alguém não provoca aprendizagem nem conhecimento, a menos que aquilo que foi dito possa entrar em conexão com os interesses, crenças, valores ou saberes daquele que escuta.”

Isto implica na certeza de que cada sujeito possui sua singularidade, não apenas como pessoa, mas principalmente na hora de produzir conhecimentos. Significa que sujeitos que recebem uma mesma informação são capazes de dar significados diferentes a ela. Esta significância será automaticamente um reflexo daquilo que o sujeito vive, de sua realidade cultural, social, suas crenças, interesses.

Ao mesmo tempo em que o sujeito participa de um grupo social e absorve e/ou transforma informações, ele contribui para consigo mesmo e com o grupo, depositando em sua memória, se lhe trouxer sentido ou desprezando, se não lhe trouxer. Desta forma, produz-se o conhecimento necessário para sua sobrevivência e poderá contribuir para a modificação do meio no qual se encontra inserido.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com cunho qualitativo, esta abordagem apresenta cinco características sendo sua primeira, a ideia de que toda pesquisa qualitativa é “naturalística” uma vez que não sofre “qualquer manipulação intencional do pesquisador” sendo assim, imprescindível o pesquisador se atentar não apenas para o objeto pesquisado, mas também para o contexto no qual se encontra, visto que este último influencia diretamente para a formação do primeiro. (LUDKE & ANDRÉ, 2018, p.13)

A segunda característica apontada pelas autoras é que os dados em sua maioria são descritivos e para além disso, toda a informação que foi coletada, é considerada válida é importantíssima para o trabalho do pesquisador, podendo ser utilizados para esta, “descrições de pessoas, situações, acontecimentos [...], transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos.” (LUDKE & ANDRÉ, 2018, p. 13)

A terceira mostra que o processo exige mais atenção que o produto, pois o pesquisador precisa compreender como o problema “se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas” (LUDKE & ANDRÉ, 2018, p.13), ou seja, o processo é reflexo ou consequência do produto ou uma preparação para alcançar determinado resultado que neste caso é o produto.

A quarta diz respeito à atenção que o pesquisador deve dar à fala dos participantes da pesquisa, pois é de suma importância tudo o que é dito, sendo que se trata de valores da vida dos mesmos. Para além disso, o pesquisador deve se atentar para o modo como os participantes reagem ao narrar determinado fato, realizando a leitura comportamental e sentimental expressa no decorrer do evento, o que deve ser tratado com bastante sutileza por parte do pesquisador. Ludke & André (2018)

A quinta esclarece que a análise de dados caminha para um determinado fim, seguindo um determinado processo de acordo com o desenvolvimento da pesquisa, ou seja, as informações coletadas norteiam a pesquisa o que automaticamente mostra qual o caminho ela seguirá, sempre começando de uma amplitude e afunilando o delineamento acerca do assunto abordado. Ludke & André (2018)

3.1 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

A pesquisa teve o intuito de ouvir narrativas autobiográficas dos jovens, levando em consideração suas experiências para compreender dificuldades e motivações encontradas ao longo de suas vidas e visibilizando sua trajetória educacional e perspectivas futuras, bem como servindo de eco a suas vozes silenciadas e preconceituadas, pois para Delory, (2012)

O objeto da pesquisa [auto]biográfica é o de explorar os processos de gênese e de vir-a-ser dos indivíduos num espaço social, mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência.

Para a produção dos dados foram realizadas entrevistas individualmente com cada sujeito jovem, totalizando um número de seis participantes, sendo dois estudantes da EJA e quatro universitários que passaram pela mesma modalidade, destes, quatro são mulheres e dois, homens, bem como, uma professora da EJA, atuante na área de linguagens. Partindo desta escuta, buscou-se conhecer e compreender os perfis dos estudantes ingressados na modalidade de ensino supracitada. Os desafios encontrados para o desenvolvimento de ensino nesta modalidade, visto que os sujeitos não são mais crianças e sim, jovens ou adultos.

Desta forma, as entrevistas possibilitaram a compreensão do perfil dos alunos constituintes da EJA e durante a realização do diálogo, viu-se que a realidade contada pela professora se aproxima bastante das informações contidas no referencial bibliográfico, comprovando assim, a veracidade dos fatos existentes na EJA contemporaneamente, o que corrobora com o que os autores dizem.

Sendo assim, optou-se por tratar os participantes desta pesquisa com nomes de pedras preciosas: Esmeralda, Rubi, Topázio, Diamante, Pérola, Jade e Safira para que suas identidades sejam preservadas. A escolha por nomes de pedras se deu pelo fato de cada uma, bem como cada participante possuírem suas particularidades e comporem a coroa deste trabalho ao darem informações imprescindíveis para a construção dos dados.

Quadro 1: Apresentação da Educadora

Nome	Gênero	Papel na pesquisa
Esmeralda	Feminino	Professora da EJA

Fonte: criado pela autora em: 2022.

Quadro 2: Apresentação dos Sujeitos Jovens

Nome	Gênero	Idade	Papel na pesquisa
Rubi	Feminino	17 anos	Estudante em exercício na EJA
Topázio	Masculino	24 anos	Estudante em exercício na EJA
Diamante	Masculino	22 anos	Estudante formado pela EJA
Pérola	Feminino	36 anos	Estudante formado pela EJA
Jade	Feminino	27 anos	Estudante formado pela EJA
Safira	Feminino	35 anos	Estudante formado pela EJA

Fonte: criado pela autora em: 2022.

4 PRODUÇÃO DE DADOS

Na conversa realizada com a Esmeralda, foi perguntado acerca do perfil dos jovens que frequentam a modalidade EJA, na Escola Silva Dourado na cidade de Arraias-TO em que ela atua na área de linguagens. Para Esmeralda (2022),

a maior parte são alunos que estão em defasagem, idade/série que por algum motivo deixaram de estudar ou para trabalhar. Ou [ainda] por causa do desinteresse pelo estudo no momento certo e dessa forma, retornaram na EJA para recuperarem o tempo perdido. Boa parte desses meninos são jovens trabalhadores, são negros, renda baixa socioeconomicamente falando, são pobres, realmente e principalmente por esta razão eles não tiveram a oportunidade estudar no tempo certo.

Partindo disso, vê-se que são diversos os fatores que impedem o sujeito jovem de desenvolver-se educacionalmente durante o ensino regular e um dos principais motivos que leva o aluno a desistência, é de fato a pobreza, já que precisam trabalhar para obterem sustento. Trabalho este que em sua maioria, demanda força e tempo. Infelizmente a remuneração é baixa. O que demonstra o grande esforço que fazem, pois mesmo diante dessas dificuldades, encontraram o sentido de que precisam estudar para melhorarem suas vidas e de suas famílias.

Durante as aulas, Esmeralda afirma que realiza diálogos com os mesmos, não apenas acerca dos componentes curriculares, que se encontra responsável por ensinar, mas da vida fora dos muros escolares. É importante ressaltar a importância deste diálogo para o educador identificar as dificuldades. Muitas dessas dificuldades não estão ao alcance do educador, devido serem questões sociais e não apenas educacionais.

O que eu converso sempre com ‘os meninos’ na escola é porque eles são jovens trabalhadores. ‘Meninos’ que trabalham duro o dia inteiro, seja em casa de família... têm alunos que são garis, trabalho pesado mesmo. A maior parte é à noite. Eles chegam cansados e não têm disposição para estudar. Então essa é a maior dificuldade que a gente tem. (ESMERALDA, 2022)

É dura a realidade de sujeitos jovens da EJA na cidade de Arraias, pois são os mantenedores de seus lares e não podem simplesmente deixar o trabalho para se dedicarem à escolarização. Contudo, não desistem, encontram motivações na esperança de uma vida melhor em um futuro próximo, veem na EJA uma porta para mudanças e com isso, muitos deles enfrentam os desafios como “cansaço” e “sono” para estarem lá. Além disso, nota-se que a infrequência é outro desafio tão gritante quanto os outros.

Segundo Esmeralda,¹

a infrequência é muito grande. É gritante. Então, você tenta trabalhar e oferecer o máximo possível. Arrancar deles o potencial que eles têm, no tempo que eles estão na escola, porque há infrequentes. Se você buscar dados na secretaria você vai ver que é grande [a infrequência]. (ESMERALDA, 2022)

A infrequência é uma, senão a pior dificuldade encontrada pelo educador, pois se o aluno não está presente na sala de aula, o que ele poderá acrescentar no seu saber? Não há atividades extraclasse, quando se está presente, o que for absorvido minimamente, por mais dificultoso que seja, é considerado válido e tido como uma conquista. O ensino na EJA se faz no agora, no presente momento em que estão em sala de aula, que é o precioso e único tempo que os sujeitos jovens têm para produzirem aprendizados.

Evidencia-se a vida que os sujeitos jovens levam fora da escola, implica diretamente na prática docente dentro dela. Não é simplesmente preparar uma atividade e levar para sala de aula, acreditando que os alunos irão compreender os conteúdos e produzir conhecimento. O educador também possui desafios com relação ao ensinar, pois como diz Esmeralda (2022), "à noite eles chegam cansados". Contudo, diante de todas essas adversidades, a educadora não desiste de seu papel pois segundo ela, "eles estão dispostos a aprender" e ainda ressalta

Interesse eles têm. Talvez o desinteresse ficou lá atrás, quando alguns deixaram a escola por falta de comprometimento, porque têm também esses alunos e agora eles entendem que precisam recuperar este tempo, precisam recuperar a aprendizagem. Mas, eles estão cansados e isso realmente é um complicador pra gente. (ESMERALDA, 2022)

Esmeralda, reconhece que em alguns faltou interesse, mas segundo sua própria fala, a maioria deixou a escola para colaborar financeiramente com a família, já que são oriundos de famílias pobres. Surge então a curiosidade de como essas aulas são desenvolvidas e como o planejamento para esta modalidade se dá. Como é possível desenvolver um bom trabalho ao atuar como educadora para os sujeitos jovens desenvolverem uma plena aprendizagem após um dia cansativo de trabalho?

De acordo com Esmeralda,

não é fácil, porque a gente têm um currículo para atender. Temos o que oferecer pra eles, mas a gente precisa pensar em todos esses complicadores.

¹ Utiliza-se colchetes quando as falas pertencem a escritora desta pesquisa.

Essas dificuldades, porque eles chegam muito cansados. Então, a aula tem de ser dinâmica, mas ao mesmo tempo, você não consegue dinamizar todo dia, pois quando se fala em dinâmica, pensam que a aula tem que ser “show” e não é isso. Às vezes, a gente consegue dinamizar de uma forma mais tranquila, que atenda ao perfil deles, mas não é fácil. Pois, o cansaço e o sono complicam bastante. (Esmeralda, 2022)

E mesmo diante de tantos “complicadores”, conforme Esmeralda (2022), a educadora insiste em um ensino mais leve. Contudo, compromissado, pois o principal objetivo é a aprendizagem dos sujeitos jovens, que encontram-se em sua maioria, cansados e que mesmo assim não desistem. Assim, conforme Esmeralda (2022) “no planejamento a gente tenta conversar com todas as áreas, porque se esse diálogo é muito importante no regular, no dia a dia, na EJA, ele se faz crucial, justamente por todos esses fatores que citei”. Para Esmeralda, (2022).

a gente prioriza o tempo na escola, porque são pessoas que não tem tempo fora da escola pra fazer [atividades escolares]. Muito dificilmente você propõe uma atividade diferenciada que eles tenham que levar para casa. Quando eu estou com Língua Portuguesa, por exemplo, a gente lê. Então, o livro é uma atividade extraclasse, mas não é fácil, porque como eles trabalham o dia todo, alguns já chegam na escola em cima da hora de entrar para sala. É realmente complicado. Por isso, esse diálogo entre as áreas é muito interessante, importante e necessário. Você aproveita a interdisciplinaridade para trabalhar da melhor maneira possível com os “meninos”.

Esta modalidade tem suas peculiaridades, pois estes jovens possuem muitos desafios para se manterem dentro dos muros escolares. Mesmo assim, sofrem preconceitos por parte da sociedade, são vistos como fracassados segundo Arroyo (2001). Todavia, ao desenvolver esta pesquisa, pudemos perceber que são muitas histórias de privação por trás de cada desistência no ensino regular.

É muito comum ouvir falas preconceituosas como: “os jovens só vão para a EJA para acelerar o término da educação básica”. Buscou-se ouvir jovens que estudam, estudaram e/ou concluíram seus estudos nessa modalidade, para compreender a partir da perspectiva dos sujeitos seus reais motivos de acionarem a Educação de Jovens e Adultos.

Percebemos a partir da pesquisa que diversos motivos que os afastaram estes jovens da sala de aula e que pode haver sim, interesse em concluir mais rápido, contudo, percebeu-se que fatos marcantes que os fizeram retroceder. Descobriu-se que por trás de cada desistência há um motivo real que provocou essa infrequência. Isto, porém, não os impede de compreender sua importância na sociedade em que vivem. Com isso, buscou-se ouvir também dois sujeitos jovens estudantes da EJA tentando perceber como quem de fato são na sociedade.

Rubi (2022), por exemplo, afirma que se vê socialmente como alguém que deve “ter respeito com o outro, educação”, uma vez que este comportamento humanizado se torna

imprescindível para as relações humanas, visando uma sociedade que se importa com o próximo, ela fortalece dizendo que durante a infância “morava [na cidade de] Campos Belos-GO e [que] a mudança [para Arraias] atrasou um ano. Reprovei [e] fiquei bem atrasada [sendo assim], tive que fazer EJA”. (RUBI, 2022)

Já Topázio (2022), ao contar sobre sua história de vida, afirma que houve diversos desafios em sua adolescência, entre eles, o diagnóstico de uma depressão, devido a fatores existenciais em sua vida pessoal que contribuíram para sua desistência.

Ele afirma,

era da Canabrava[e]. Sempre morei com meus pais e irmãos. Parei de estudar porque tinha depressão na época e sentia muitas dores. [A depressão se desenvolveu devido] coisas ruins que eu pensava, [como] por exemplo, se eu morrer, eu vou pra onde? Também por ver] muitas pessoas conseguindo as coisas e eu não conseguia, [mesmo fazendo] de tudo pra dar certo e não dava. Foi muito difícil. [Ainda me] apaixonei por uma pessoa que não [me] dava moral e eu ficava muito triste, encabulado, angustiado e muito sentido, porque no WhatsApp a gente se falava, mas pessoalmente não falava comigo. Mudei [para cidade de Arraias- TO, quando] tinha uns 17 anos para cuidar de um idoso, porque era uma proposta de serviço [visto que não encontrava na Canabrava. Com isso] não queria mais estudar. [Mesmo morando] com o idoso, [eu] tinha tempo para estudar. [No entanto,] fiquei 8 anos fora da escola.

Percebe-se, que a dor e a depressão na vida de Topázio o fizeram ficar muito tempo longe da escola. Todavia, ele diz que se encontrou na EJA e quer muito recomeçar seus estudos. Acontece que não fechou o número de alunos necessários para que a escola possa disponibilizar uma turma.

Os demais participantes conseguiram vencer os desafios encontrados ao longo de suas trajetórias atualmente encontram-se na universidade, buscando construir mais conhecimento. E, ao adentrarem ao ensino superior, tiveram um olhar diferente acerca de seus papéis no mundo, Conforme Diamante (2022), “eu me vejo como uma peça fundamental para gerir e dar seguimento à ordem pública”. Pérola, outra jovem acadêmica revela que

Se vê [como] uma pessoa da qual [tem] que lutar em prol dos [seus] direitos, porque a sociedade que vivemos é pouco inclusiva e, no [seu] caso por ser uma mulher negra e deficiente visual [acredita] que é uma luta diária. Mas, é uma luta da qual eu não [desistirá]. (PÉROLA, 2022)

Além dos dois jovens acadêmicos supracitados, há ainda mais duas que são mães e atualmente moram com os filhos e o parceiro. No caso de Jade (2022), ela se percebe

uma pessoa igualitária que tenho que me esforçar. Correr atrás dos meus objetivos. Tenho que mostrar resultados perante aquilo que [estou buscando], me dedicar [e],

também tenho que dar sentido [a] tudo que eu faço, tenho que estar buscando constantemente respostas diante das dificuldades que são constantes. (JADE, 2022)

Já Safira, se situa no mundo como “uma mulher batalhadora que não conseguiu ser totalmente inserida na sociedade, porque ainda estou buscando minha estabilidade tanto psicológica, emocional, financeira... ainda estou na luta”. (SAFIRA, 2022)

Estas duas jovens mulheres, mães, estudantes, desempenham diferentes papéis na sociedade e, têm a plena consciência das dificuldades que têm que enfrentar diuturnamente. As jovens mulheres mães, das classes populares, são muito cobradas socialmente, parece que a elas está relegado apenas o papel de mãe, como se tivessem que se destituir de seus lugares de mulheres e de estudantes.

Da mesma forma que os outros jovens -os acadêmicos também se ausentaram da Escola por diversos motivos, que se tornam conhecidos a partir de suas falas. Desconstruindo, assim, então a ideia de que a sociedade em sua grande parte afirma, acerca de sujeitos jovens na modalidade EJA, que são jovens descompromissados e que simplesmente abandonaram os estudos por irresponsabilidade. Ao ouvi-los, percebe-se o quanto a sociedade desconhece a realidade escolar destes jovens ou apenas a invisibilizam.

Têm-se aqui, por exemplo, duas situações delicadas, uma jovem que foi privada de ir à escola, ainda na infância, devido a seus pais não se sentirem confortáveis em relação a sua deficiência visual, além do medo de que a filha sofresse preconceitos, uma vez que é muito frequente no país. Desta forma restou-lhe um ensino tardio, porém necessário e indispensável para o seu crescimento intelectual.

Quando comecei a estudar, morava na fazenda com meus pais e assim, eles não me colocaram para estudar quando criança, pelo fato de na fazenda não ter como eu estudar, devido a minha deficiência. Depois que eu cresci, eles falavam que não iam me mandar pra escola pelo fato de as pessoas [ficarem] com preconceito. Eles tinham medo das pessoas me maltratarem. Com isso, demorei bastante tempo para estudar. Acho que por volta de uns vinte, vinte e três anos, eu comecei a estudar na zona rural. Depois, parei de novo por um tempo, parei porque nunca tinha estudado. E, depois eu tive a oportunidade de começar a estudar aqui na cidade de Arraias... se eu não me engano, em 2011, [mas] eu ficava na fazenda e voltava. Fiz parte do ensino fundamental pela manhã, no ensino regular e quando estava no 9º ano, optei por fazer a EJA por querer terminar mais rápido, para mim poder ingressar na faculdade. (PÉROLA, 2022)

Pérola enfrentou grandes dificuldades em sua infância que a impediu de frequentar a sala de aula e mesmo com muito tempo fora da educação formal, não desistiu de lutar por aquilo que acreditava. Tornou-se uma inspiração para outros sujeitos com dificuldades como as dela. Pérola viu na EJA uma oportunidade de recuperar o tempo perdido fora da escola. O ensino na

EJA se tornou crucial para sua emancipação e ainda lhe abriu portas para alcançar lugares de destaque, como o ensino superior, que em breve será mais uma porta para outras conquistas que virão.

Diamante, um jovem diagnosticado ainda em sua infância com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), teve que enfrentar desafios diferentes de Pérola e dos demais sujeitos jovens. O jovem quando criança encontrou diversas dificuldades para se adaptar ao ambiente escolar tanto em escola particular, como pública. Ele conta

minha infância foi bastante conturbada, apanhava todos os dias. Às vezes, mesmo injustiçado, e assim, me revoltei com esta situação. Eu apanhava hoje e [no dia seguinte] eu aprontava na escola para descontar a ‘peia’ de hoje, eu não dava bem na escola. Era expulso de praticamente todas as escolas de Arraias. Algumas só me aceitaram de volta por causa de processos judiciais, que fizeram com o direito ao estudo fosse constituído a mim. Muitas coisas que aconteceram na minha vida eu arrependo, mas teve uma grande influência de eu apanhar todo dia [mesmo sendo] diagnosticado com TDAH. Eu era um garoto muito hiperativo, fiz diversos tratamentos e acompanhamentos. (DIAMANTE, 2022)

Diante desta afirmação percebe-se que para se ter saltos qualitativos na educação, a ideia de inclusão no ambiente escolar, não deve estar apenas no papel. Embora haja educadores como Esmeralda que busquem envolver os alunos para que se desenvolvam intelectualmente. Nota-se que há realidades diferentes desta e pouco inclusivas, com grande despreparo e desinteresse de alguns profissionais frente a esses complicadores. É um sistema elitista e segregador que se torna um ciclo vicioso em que o aluno é visto como “inconsequente, mal-educado e até perturbador”.

A ideia de uma verdadeira inclusão é aquela que a Escola se volta para a realidade do aluno, compreendendo as particularidades e procurando auxiliá-los nas diversas dificuldades. Ainda, no que concerne à fala de Diamante, é possível ver que a educação de um sujeito deve ser priorizada e sobretudo, ter um acompanhamento mais próximo. Principalmente em escolas públicas em que o educador lida com um alto quantitativo de alunos.

Jade, que também é universitária, narra seu processo de escolarização, mostrando a real dificuldade em seu processo educacional, devido a algumas falhas no ensino. Ela afirma que essas dificuldades a seguiram por muito tempo e ainda reforça que sua escolarização

Foi um pouco falha por parte dos professores. [As] séries iniciais, comecei na fazenda e vim para cidade [quando cursava] a 5ª série, para dar continuidade aos estudos. No período que eu estava na fazenda, o ensino era muito fraco, a gente estudava todo mundo junto, dentro de uma sala, eu e minhas irmãs estávamos na mesma série, mesmo com idades diferentes. [Assim], eu via o nosso grau de dificuldade, a professora passava fichinha pra gente e pros maiores, do 3º ano. Ela passava atividade no quadro para eles copiarem e responderem. [Com isso], não obtive [total]

conhecimento. Não [absorvemos o] aprendizado necessário e quando eu vim para a cidade dar continuidade como falei, faltou um pouco disso, um pouco do conhecimento aprendido, porque eu sempre tive [dificuldades] em todos os conteúdos. [Principalmente] matemática, porque o professor não me dava oportunidade, pelo fato de eu vir da roça, de não conhecer ninguém, ser mais calada e ficar pelos cantos. Não me dava oportunidade. (JADE, 2022)

Neste contexto, vê-se a jovem Jade que foi alvo de exclusão, suas dificuldades não foram levadas em consideração, já suas falhas foram expostas. Surge então uma indagação: Como avançar em um estágio sendo que o anterior não foi concluído? Para isso, o profissional deveria voltar uma atenção especial para a estudante, identificando suas dificuldades e trabalhando para que fossem amenizadas ou até mesmo ultrapassadas.

Os alunos possuem diferentes potenciais, precisam apenas encontrar sentido naquilo que fazem. Sentem-se cansados de serem jogados às margens e proibidos de se expressarem, visto que o educador não deve perder o controle da sala de aula, contudo, em outras ocasiões não deve abusar de sua autoridade, é preciso haver equilíbrio.

Safira, uma jovem que cursou o antigo Ensino Fundamental anos iniciais e finais e por ter engravidado não completou o Ensino Médio regular revela

Não participei da creche porque morava em área rural. Quando mudei para cidade eu já entrei na 1ª série e estudei até a 8ª série. Concluí. Passei para o 1º ano do ensino médio, iniciei e foi quando fiquei grávida da minha primeira filha, [portanto] parei de estudar. (SAFIRA, 2022)

Muitas mulheres possuem uma realidade como a de Safira de ter que parar de estudar devido à gravidez, o que em muitos casos é compreensível, pois muitas delas não possuem ajuda de familiares e muito menos financeiras para pagar alguém para cuidar da(s) criança(s) enquanto estudam.

Além do mais, esse abandono escolar pode ser ocasionado devido a complicações gestacionais entre outros fatores, visto que cada sujeito possui suas particularidades. Principalmente durante uma gestação, o que para algumas mulheres pode ser alegria, para outras pode simbolizar dor, medo e abandono. Contudo após determinado tempo, Safira conseguiu retornar, pois no seu caso, suas filhas lhe serviram de motivação para buscar uma melhoria de vida.

Dentre os desafios apresentados pelos jovens durante o percurso escolar, destaca-se assuntos que jamais devem ser abafados, se de fato a intenção é combatê-los e que todos eles enfrentaram, ainda que de forma diferente a saber, o preconceito, a discriminação, o racismo e o machismo e que levam para a marginalização social. A seguir apresentamos recortes de falas

que contam sobre os preconceitos vividos “Durante minha vida foi terrível, porque tinham alguns colegas que me chamavam de preto, me chamavam de pobre e [com] isso, eu criei um trauma. Eu [me] sentia pra baixo e ficava muito triste”. (TOPAZIO, 2022)

Topázio, alvo de bullying devido sua condição financeira e preconceito racial, enfrentou momentos difíceis ao ponto de deixá-lo desesperançado, causando-lhe sofrimento psíquico.

Já me deparei com situações de professores quanto de diretores que faziam ou falavam alguma coisa que não deviam. [Em relação a deficiência], já encontrei durante meu período escolar que foi do ensino fundamental até o ensino médio, já encontrei até mesmo no meu ensino superior. (PÉROLA, 2022)

Pérola, portanto, é uma jovem que pode ser considerada uma exceção em meio à regra, pois, mesmo sendo alvo de preconceitos devido sua deficiência, em todos os níveis de escolaridade que já passou, não se deixa abater. Dizer isso não significa afirmar que a jovem não foi ferida, pois sabe-se que palavras podem ser letais, contudo, ela compreende que de fato que sua condição não é um empecilho e sim, um gatilho para conquistar seus sonhos por mais difíceis e inimagináveis que sejam aos olhos de muitos.

[Durante a infância] fui diagnosticado com TDAH, [pois] eu era um garoto muito hiperativo, fiz tratamento... Acompanhamentos [com neurologista e psicóloga] e o doutor receitou a Ritalina. [Mas] eu tinha vergonha, porque as pessoas falavam que eu tomava remédio de doido. [Mesmo assim], meu pai me dava o remédio e eu jogava fora e isso afetava diretamente o meu comportamento. Não ficava quieto. Perturbava, aprontava. E, aí fui seguindo, sendo expulso de uma [escola], transferido de outra, injustiçado em outros casos, mas não digo que sou santo, porque eu aprontei, aprontava muito. Fugia. Não fazia nada [que os pais e professores orientavam]. (DIAMANTE, 2022)

Diamante, bem como os demais, conseguiu vencer as barreiras impostas em sua infância e adolescência. Era mais um que poderia se acomodar, devido sua condição e palavras ouvidas, mas abriu seus olhos e decidiu lutar para conquistar seus direitos. Devido às diversas experiências vividas, conseguiu vencer seus traumas e compreender quem de fato é e, o que é capaz de fazer na sociedade.

Sofri preconceito, discriminação por ser a menina da roça, [pelo fato] de não conhecer ninguém ser mais calada e ficar pelos cantos. [O professor] não me dava oportunidade. No momento que eu queria tirar aquela dúvida, [ele] simplesmente me ignorava. Perguntava para outra pessoa e assim ia. Eu sempre ficava de lado, eu sempre tive e tenho comigo até hoje essa dificuldade em aprender a matemática, nas outras disciplinas [tenho menos dificuldade]. Aprendo hoje com a busca dos meus esforços porque [fiquei com] esse déficit, faltou aprendizagem no meu ensino [fundamental], faltou essa atenção especial comigo. Mas, foi algo que [com o passar do tempo], eu soube lidar. Foi chato no momento. É desconfortável, mas eu soube lidar com isso e foi passando. (JADE, 2022)

Jade, por sua vez, sofreu preconceito social, teve sua voz abafada, sofrendo na pele a rejeição por não ser, aos olhos do professor, como os demais colegas. Percebe-se aqui um problema bastante sério, pois lhe foi negado o direito da afetividade, um dos fatores constituintes para um bom desempenho escolar na vida da criança. Mas, ela também superou e tem buscado a cada dia seu lugar no mundo, deixando para trás as dores que lhe feriram outrora.

Tem um momento que eu quero relatar, a questão do machismo, isso eu vivenciei [ao ponto] de ouvir: “ah, mas você vai voltar a estudar e quem vai cuidar das crianças”? [Também ouvi] assim: “ah, mas você tá se arrumando demais, você não tá indo pra festa”! Quando eu estava cursando a EJA. (SAFIRA, 2022)

Safira, por outro lado, sofreu preconceito, dentro do próprio lar, por alguém que não compreendia aquilo que era importante para ela, reingressar nos estudos. O preconceito vindo de alguém que não se conhece pode ser mais fácil de superar do que aquele vindo de alguém que não se espera. Mesmo assim, ela persistiu com o que acreditava que seria uma porta para seu crescimento, a educação, pois a voz do preconceito não ofuscou as suas reais motivações para prosseguir.

Embora, haja quem saiba lidar com eventos que desencadeiam uma certa marginalização e não se deixem afetar pelo presente momento, há aqueles que se veem sem respostas para tais desafios e que somente o tempo é capaz de sarar essas feridas causadas. São marcas que afetam diretamente as condições psicológicas destes jovens, podendo gerar resultados desastrosos no ambiente escolar e causar mudanças no planejamento educacional. A EJA é uma modalidade que abraça todos estes perfis citados e ainda outros mais que não serão discutidos aqui.

Mesmo diante das experiências vivenciadas, os sujeitos jovens encontraram motivações para retornarem e/ou darem continuidade aos estudos na modalidade EJA, que está sempre pronta a receber jovens de diferentes perfis que desejam cursar o ensino formal. Esta é uma modalidade que necessita de um perfil de educador comprometido com as causas sociais, pois seu alvo deve ser as vidas dos educandos, que mesmo com tantos motivos para desistirem, optam pelo mais difícil, que é prosseguir a luta pelos seus direitos, frente à uma sociedade excludente.

[Voltei a estudar porque] eu queria crescer novamente, via muitas pessoas fazendo faculdade e criou um sonho no meu coração pra poder voltar e fazer faculdade. [A EJA] é uma oportunidade muito grande [que prepara o jovem e o adulto para] fazer o Enem. (TOPÁZIO, 2022)

Topázio viu na EJA uma oportunidade única para desenvolver-se perante a sociedade e alcançar lugares que podem ser tidos como impossíveis, se tratando de sujeitos que não se desenvolveram bem na educação regular. Portanto, a EJA para ele, capacita o sujeito para concorrer às vagas nos diferentes cursos de Ensino Superior.

Fiquei dois anos fazendo a mesma série [e para] agilizar, [resolvi retornar na EJA], porque ano que vem já faço 18 [anos], [com isso, procurei] agilizar um pouquinho, adiantar... (RUBI, 2022)

Rubi por ser repetente, entende que havia uma necessidade de recorrer a EJA, porque em breve alcançará maior idade e pretende adiantar seu percurso escolar para não permanecer muito tempo atrasada, também buscando alcançar seus objetivos de uma melhor qualidade de vida.

[Ingressei na EJA pelo] fato de eu querer terminar mais rápido, porque no caso eu não parei. Quando eu migrei do ensino regular pra EJA. Eu tinha feito o 8º ano pela manhã e [com isso], decidi no ano de 2016, dar continuidade na EJA, pelo fato de acelerar. Porque no caso, se eu fosse fazer o ensino regular, seria mais quatro anos e na EJA eu consegui fazer com dois. (PÉROLA, 2022)

Pérola, por outro lado, se viu com necessidade de ingressar na EJA pelo fato de ter inserida, tardiamente, no contexto escolar, resultando em uma escolha sábia, que possibilitou sua ascensão educacional devido aos seus múltiplos esforços, vem conquistando seu lugar diariamente no Ensino Superior.

Frequentei [a EJA], mas eu não gostava de estudar à noite. [Então] desisti. Fiquei dois anos parado. Foi quando fiz a inscrição do ENCCEJA e como não estava fazendo nada, fui [fazer a prova]. Não estudei nenhum dia para essas provas e na primeira eu [reprovei, apenas] em matemática e ciências humanas e suas tecnologias. [Faltaram apenas] dois décimos em uma e cinco décimos na outra. [No ano seguinte, refiz] essas disciplinas e [com isso], obtive a conclusão. Estava feliz da vida, [pois tinha em mente que] não precisava mais estudar. Não precisava mais preocupar com livros, só curtir a vida, aprontando. [Todavia] o tempo foi passando e eu cada vez mais desinteressado, sem visão de futuro, sem perspectiva de vida, [até que entrei para o mundo das drogas] e fui preso. É... fui preso e [com] muita agonia, sem saber o que fazer [da vida], aprendi a fazer tapetes de crochê e com o passar [do tempo], me surgiu a oportunidade de fazer o ENEM no sistema carcerário. [Fiz,] obtive [aprovação e ingressei] no curso de matemática na UFT [que] e é onde estou. (DIAMANTE, 2022)

Aqui temos o exemplo de Diamante que lidou com o desinteresse momentâneo e entrou por um caminho mais perigoso devido suas revoltas. Mas que, por meio das experiências negativas, percebeu a importância da educação em sua vida para formá-lo um cidadão proativo

e respeitado, visto com um olhar diferente de outrora e que atualmente tem buscado espaço no Ensino Superior.

Olha, para falar a verdade, eu estudei até o 1º ano do ensino médio numa escola. Daí eu via que os conteúdos (química, física, matemática) estavam sendo [difíceis], eu não estava entendendo nada. Falei: ‘o que estou fazendo aqui?... Decidi transferir a minha matrícula, os meus estudos para a educação da EJA, por ser mais tranquilo e por me dar mais tempo para eu estar calculando, fazendo. Os conteúdos eram diferentes [sendo assim, encontrei menos dificuldades. O professor [que lecionava no ensino médio regular], explicava e [independente se o aluno compreendesse] ou não, ele [prosseguia com o conteúdo]. [A princípio] na EJA, [eu] já conhecia o professor [e outra pessoa] lá dentro, [que] me orientou: ‘você vai vir para nossa turma e você vai conseguir terminar’. E [de fato], se eu não tivesse ido [cursar] EJA, não conseguiria terminar os meus estudos. [Mesmo com força de vontade], surgiram muitas dificuldades, muitos contratempos para que eu desistisse. Primeiramente, quando eu estava finalizando a EJA, engravidei do meu primeiro filho que hoje tem 7 anos, [com isso] vieram as dificuldades [e as indagações] ‘como estudar gestante, passando mal?’ [Confesso que] foi luta, mas Deus foi na minha vida e graças a Deus pude concluir. (JADE, 2022)

Jade, encontrou na EJA um ensino mais claro que atendia às suas necessidades e que sanava suas dificuldades, bem como a oportunidade de se expressar e ser compreendida. Entendendo assim, que a EJA foi mais que necessária para sua formação, pois a forma de interação era diferente das más experiências que já tinha vivido.

Com Safira a história foi diferente, a jovem engravidou na adolescência e parou a vida para cuidar do lar. Com o passar do tempo mudou para a cidade de Arraias-TO e devido a permanecer em casa o tempo todo, recebe então uma motivação familiar para retornar à escola

me vi sem expectativa, porque é uma cidade que não tem muita oportunidade de emprego e como estava só em casa, com aquele tédio, só pensando no que fazer, meu irmão deu a dica: ‘por que você não volta a estudar?’ [Argumentei com ele]: ‘ah, mas tantos anos fora da escola e voltar a estudar’... [Entretanto], eu vi na EJA a oportunidade de concluir. Iniciei na Escola Estadual Silva Dourado e fiz o primeiro e o segundo ano lá. [Então surgiu] outra oportunidade, que foi a prova do ENCCEJA, fiz a prova e passei. [Como] me vi outra vez sem expectativa, [surgiu outra] oportunidade de fazer a prova do ENEM, [fiz e fui aprovada para] entrar na universidade. [Durante] o tempo que me dediquei aos estudos nunca [encontrei facilidade], por ser mãe, ter que cuidar da casa, família, ter meu esposo. [Tenho] quatro filhas e ainda estou na luta. [E com] a expectativa de buscar melhorias para vida delas e para minha, [encontro] forças todos os dias. Às vezes [me vejo cansada] e penso, não vou hoje para faculdade, mas tenho a motivação que são minhas filhas, então a necessidade de buscar [mudanças é] o que me dá forças, [bem como] saber que tem alguém dependendo de mim. (SAFIRA, 2022)

Safira, mesmo não acreditando que seria bem-sucedida em uma cidade de interior como Arraias, onde é visível o desemprego, se sentiu motivada, insistiu e desafiou a si mesma,

retornando aos estudos na EJA. Após adentrar ainda lidou com palavras rudes, que poderiam contribuir para sua desistência mais uma vez. Mesmo assim, ela permaneceu firme com o desejo de atingir sua meta, uma vida melhor para si e sua família, o que a motivou ainda mais para cursar o Ensino Superior.

Estes sujeitos jovens encontraram na EJA oportunidades maiores para seguirem com a vida. Vê-se que não há apenas uma intenção de concluir mais rápido para estagnar mais adiante. São jovens e adultos que recuperaram o tempo perdido, por meio de um ensino que se fez mais que necessário para suas condições de vida.

Esmeralda (2022) reforça que os educadores da EJA “não desistem deles, estão atrás o tempo todo” buscando melhorias, respostas para as diferentes dificuldades enfrentadas pelos alunos. E diante desta afirmação, há provas de que muitos sujeitos jovens que cursam e os que já concluíram a EJA possuem uma visão de futuro e não estão apenas em busca de um diploma sem significância.

O jovem Topázio, alvo de discriminação na infância por ser pobre e preto pretende após concluir a EJA, cursar “Direito para defender as pessoas” e no futuro, oferecer “o melhor” para seus filhos, da mesma sorte que a jovem Rubi, quando afirma: “vou fazer uma faculdade, um curso, eu quero fazer uma faculdade para Direito”.

Ademais, entre os sujeitos jovens universitários que declararam suas intenções futuras, que pretendem não desistir de seus sonhos e objetivos, visando uma condição de vida melhor para si e seus familiares. Assim, Jade e Safira nos contam suas expectativas de futuro.

Primeiramente [pretendo] me formar, terminar esse curso com a graça de Deus. [Pois desde] o começo até aqui não [encontrei facilidade, mas] pretendo termina-lo e [futuramente] ingressar na área da saúde, com fé em Deus que eu tenho muita vontade [de] conseguir, porque com fé em Deus, [será] um sonho realizado. [Terei] essa formação [atual] e ainda ingressarei na área da saúde... pretendo fazer um curso Técnico em Enfermagem ou quem sabe [uma graduação] de enfermagem. (JADE, 2022)

Pro futuro...Vou até lembrar da aula que teve da professora que foi sobre o ‘chão’: “você já conquistou o seu chão? Quem é o seu chão? ” Então, como eu citei, ‘meu chão’ são minhas filhas, minha base, minha família. [Assim], estou buscando por elas, por mim também, [todavia] mais por elas, por [desejar] dar uma estabilidade [para] a vida delas e também ser capacitada de conduzir elas [em seus] estudos. (SAFIRA, 2022)

Compreende-se quantas dificuldades as jovens Jade e Safira encontraram com diferentes preconceitos, além das dificuldades por terem se tornado mães na juventude. Mas, que se esta experiência foi problemática, também as deu forças para seguirem seus estudos. Buscando

sempre melhorias e a realização dos sonhos, a partir do momento que entendem que não são responsáveis apenas por si próprias e que o que viverem trará consequências para a educação de seus filhos, pois entendem que a educação é mais que necessária, para a emancipação e que ela é capaz de transformar aquele que é marginalizado e lhe dar a possibilidade de acessar lugares que outrora só a elite conseguiu adquirir.

5 (IN) CONCLUSÃO

Este trabalho é assumidamente inconcluso, justamente pela pesquisa se tratar de uma abordagem qualitativa, que entende que por se tratar da história de vida de sujeitos jovens, a intenção presente aqui não é calcular ou medir, mas conhecer, compreender e dar visibilidade e eco às vozes dos sujeitos que frequentaram a modalidade EJA, mostrando que cada sujeito possui uma realidade diferente dos demais e que estes ao mesmo tempo em que são diferentes estão inseridos em uma mesma sociedade, algumas vezes, marginalizados.

Compreende-se que é errônea a ideia de associar as juventudes à imaturidade e descompromisso, entendendo que estão imersas numa fase de descobertas e mudanças. Pode-se observar que os sujeitos jovens participantes da pesquisa conseguem compreender que a educação é um caminho ideal para mudança de vida, pois a mesma é capaz de não apenas trazer liberdade, mas a certeza que é possível acreditar em um futuro melhor.

A educação é o resultado de uma formação de qualidade capaz transformar a vida do sujeito jovem e a EJA pode colocá-lo em lugares que jamais conseguiria alcançar, devido às condições físicas, psicológicas e financeiras, já que muitos são forçados pelas circunstâncias a priorizarem o trabalho ao invés da escolarização. Desta forma,

A história nos mostra que as experiências mais radicais de educação de Jovens e adultos não aconteceram à margem dos sistemas de ensino pelo anarquismo de grupos de educadores progressistas, mas porque a concepção de jovem e adulto popular e de seus processos educativos, culturais, formadores não cabiam nas clássicas modalidades de ensino. (ARROYO, 2008, p.226)

Assim, entende-se a importância da EJA na vida desses sujeitos e que a luta pela Educação de Jovens e Adultos deve ser continua por se tratar de humanos de diferentes perfis, com diferentes dificuldades, que veem na EJA uma oportunidade de conquista, que os fortalece para que não renunciem seus direitos.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliane Ribeiro. **Os jovens da EJA e a EJA dos jovens**. In: BARBOSA, Inês O., PAIVA, Jane (orgs.). Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

ARROYO, M.G. **A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão**. Alfabetização e Cidadania. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), n.11, abril de 2001.

ARROYO, M.G. **A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão**. In: Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. 2.ed. p.221-230. Brasília, DF: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008.

BÁRBARA, M.M. **Contribuições da CUT para uma educação emancipadora**. In: Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília, DF: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

BARRETO, José Carlos e BARRETO, Vera. **Um sonho que não serve ao sonhador**. In: Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília, DF: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

BIESDORF, R. K. **O Papel da Educação Formal e Informal: Educação na Escola e na Sociedade**. Intinerarius Reflectionis, Goiânia, v. 7, n. 2, p. DOI 10.5216/rir.v1i10.1148, 2011. DOI 10.5216/rir.v1i10.1148. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/rir/article/view/20432>>. Acesso em 17 out. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, Lei 9.9394/96 **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDBEN. Presidência da República. Casa Civil. Brasília, DF. 20.12.1996.

BRASIL, Lei 12. 852. **Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens**. Brasília, DF, 2013.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação**. Revista e - Ped- FACOS, 2012.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação nº24, p. 40-52 Set/Out/Nov/Dez. UFMG, 2003.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas**. Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica, v. 1, p. 71-93, 2012.

DURKHEIM, E. Educação e sociologia. São Paulo: Edições 70, 2001.

- DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013
- FEIXA, Carles. **Generación @**. La juventud en la era digital, *Nómadas*, 13, pp. 76-91. 2000.
- FEIXA, Carles. **Escuela y cultura juvenil**: ¿matrimonio mal avenido o pareja de hecho? *Revista Educación y Ciudad*, Bogotá, 18, 2010.
- FEIXA, Carles. **Uma geração viral?** Adolescência e confinamento. TOMO. N. 38 JAN./JUN. | 2021
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Trad. Lilian Lopes Martin. 34. Ed. Rev. e atual, São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GANDIN, Danilo. **Planejamento como prática educativa**. 8º ed. São Paulo: Edições Loyola. 1995.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Formação do professor).
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos**. Inquietações e buscas. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <<http://www.educaremvista.ufpr.br>>
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. 2. Ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018
- MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações**. São Paulo, Ática. 1993[1928].
- MARGULIS, Mario. **¿Juventud o juventudes?**. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 297-324, jul./dez. 2004.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003
- OLIVEIRA, I. B. **Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA**. Editora UFPR. *Educar*, Curitiba, n. 29, p. 83-100, 2007.
- OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Arte História e ensino: uma trajetória**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- PIERRO, M.C. **Educação de jovens e adultos - EJA**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM
- RIBEIRO, Elisabete da Silveira. **Juventudes e Deficiência**: Narrativas autobiográficas de jovens mulheres. (Tese de Doutorado) UFRGS: Porto Alegre, 2022.
- RIBEIRO, Elisabete da Silveira. **Feixa e as juventudes na metáfora dos relógios**: de areia, analógico e digital. (No prelo) UFRGS: Porto Alegre, 2021.

TEIXEIRA, M. A.; DOS SANTOS, K. F. **VIDA DE JOVEM NA EJA**. Ciências Gerenciais em Foco, [S. l.], v. 8, n. 5, 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/cgf/article/view/3391>. Acesso em: 28 nov. 2022.